



**A FENOMENOLOGIA EM JASPERS E BASAGLIA: suas
contribuições**
**THE PHENOMENOLOGY IN JASPERS AND BASAGLIA: their
contributions**

Dilson Brito da Rocha¹

RESUMO: No presente exame temos o objetivo de, primeiramente, explicar como o filósofo e psiquiatra Karl Jaspers executou uma guinada inadiável na psiquiatria, que consiste na necessária passagem do método explicativo ao método compreensivo. Ocorre que, no modelo organicista-cartesiano, o consuetudinário, se pode explicar rigorosamente qualquer doença mental, por exemplo, a esquizofrenia, mas não se é capaz de compreender nenhum esquizofrênico em sua subjetividade. Logo, a explicação é insuficiente para compreender os reais efeitos das doenças. Daí a transição da explicação à compreensão, que designa um método que extrapola o *modus operandi* da ciência. Num segundo momento, intentamos aprofundar a fenomenologia presente na antipsiquiatria de Franco Basaglia.

Palavras-chave: Psiquiatria; Método compreensivo; Antipsiquiatria.

ABSTRACT: In this examination we aim, firstly, to explain how the philosopher and psychiatrist Karl Jaspers carried out an unavoidable shift in psychiatry, which consists of the necessary transition from the explanatory method to the comprehensive method. It turns out that, in the organicist-Cartesian model, the common one, it is possible to rigorously explain any mental illness, for example, schizophrenia, but it is not possible to understand any schizophrenic in their subjectivity. Therefore, the explanation is insufficient to understand the real effects of diseases. Hence the transition from explanation to understanding, which designates a method that goes beyond the *modus operandi* of science. Secondly, we attempt to delve deeper into the phenomenology present in Franco Basaglia's antipsychiatry.

Keywords: Psychiatry; Comprehensive method; Antipsychiatry.

¹ Doutorando em Psicologia na UNESP/Assis; Graduação em Psicologia pela FIB/Bauru; Graduação em Filosofia pela UNIFRAN/Franca; Graduação em Teologia pela UNISAL/São Paulo; Mestrado em Filosofia pela UNESP/Marília; Mestrado em Teologia (Filosofia Patrística e Filosofia Escolástica) pela PUG/Roma, Itália; Docente nas Faculdades Integradas de Bauru (FIB). E-mail: dilsondarocha@gmail.com



DA EXPLICAÇÃO À COMPREENSÃO: fenomenologia em Jaspers

O psicopatologista Karl Jaspers inaugura a psicologia fenomenológica. A fenomenologia é uma corrente filosófica que descreve as coisas como elas se manifestam. Outrossim, é uma palavra grega que remete ao vocábulo *phainesthai*, que quer dizer exatamente manifestação. Ocorre que a ciência não faz uma descrição de como as coisas se manifestam. Antes, opera com as antecipações das hipóteses, verifica essas hipóteses lançando mão dos experimentos, e, se esses confirmam as hipóteses, assume, então, essas hipóteses como estatuto das coisas. Por isso, procede com as leis da natureza. Edmund Husserl, influenciado pelo psicologista Franz Brentano, funda o movimento filosófico contemporâneo da fenomenologia. Ele assere que a psicologia não pode proceder se valendo do gênero científico, pois existe uma grossa contradição entre o método científico e o objeto da psicologia, ou seja, o tema da psicologia, que é a subjetividade. Tem-se que, a ciência, para conhecer, deve objetivar, isto é, olhar as coisas como objeto. Todavia, quando objetivamos a subjetividade, não temos o que fazer com o ser humano, mas temos o que fazer simplesmente com a visão que a pretensa ciência psicológica tem acerca do ser humano.

Neste certame, Sigmund Freud, malgrado crie uma espécie de metapsicologia, é um cientista, pois antecipa uma hipótese que explica como é feita a psique em sua teoria topográfica, depois olha o sujeito a partir dessa hipótese anterior. De tal modo, não intercepta o sujeito, mas o sujeito se torna um caso para responder sua hipótese. Por isso, a



premência de se implementar uma psicologia fenomenológica, que olha o indivíduo como todo e não a partir de uma teoria precedente. Essa operação fundante da psicologia fenomenológica, como acenamos, foi executada por Karl Jaspers. Isso se dá em 1913, com uma obra importantíssima intitulada *Psicopatologia Geral*, composta por mil páginas, a qual Jean-Paul Sartre traduziu para o francês, tão logo percebeu sua relevância. Nela Jaspers defende que a psiquiatria não deve ser explicativa, mas compreensiva. Neste senso, o filósofo assevera que se pode explicar muito bem uma coisa sem compreendê-la. (cf. JASPERS, 2005, p. 37).

Compreensão não diz corresponde, neste senso, a uma palavra humanista, mas assinala a capacidade de individuar o núcleo, por exemplo, de um delírio, e, uma vez que o interceptou, tudo resultará geometricamente explicável, claro como o sol. Isso, evidentemente, não vale meramente para a condição patológica, mas também para as pessoas consideradas normais. De todo modo, se se intercepta o núcleo da visão de mundo (cosmovisão) dessa pessoa, se compreende aquela pessoa como todo, inclusive a sua cultura. A compreensão é, então, a capacidade de capturar a simbólica que decide, o núcleo que decide toda a manifestação psíquica de uma pessoa. À vista disso, o psiquiatra, por exemplo, que tem um sujeito na sua frente não deve ter uma teoria que antecipa ou que diz em qual caso encaixa esse sujeito doente ou normal, mas deve haver uma participação empática, *conditio sine qua non* para se capturar a subjetividade daquela pessoa, que não é tão-só um caso clínico.



No que tange à empatia, alguns a tem e outros não. Por isso a psicologia não pode se instituir como uma ciência exata, mas é, por certo, uma sorte de arte. Neste seguimento, assim como nem todos são dotados de uma capacidade artística ou musical, da mesma maneira os psicólogos não são todos dotados de uma capacidade empática. E somente os capazes de empatia, no entender de Jaspers, podem fazer terapia psicológica. Todavia, acrescenta Jaspers que há situações que resultam incompreensíveis. Por conseguinte, mesmo com a compreensão empática, com a capacidade de compreensão, pode suceder de não compreender o outro, assevera o psicopatologista.

Aqui, o termo empatia tem um sentido preciso. Consiste, para Jaspers, na “atualização” ou representação, em primeira pessoa, da experiência de outrem. Tratar-se-ia de um compartilhamento intuitivo e não reflexivo da vivência psicológica do interlocutor. Esta “compreensão empática” seria o coroamento da fenomenologia, aliando dois elementos: um de natureza cognoscível e delimitadora; e o outro, seu “preenchimento”, de natureza psíquica e ainda propício à empatia. (RODRIGUES, 2005, p. 4).

Não obstante, o psiquiatra Ludwig Binswanger refuta essa ideia de Jaspers e profere que, pelo contrário, é possível compreender mesmo aquilo que aparentemente parece incompreensível. Para tanto, é imprescindível usar figuras, que Martin Heidegger havia descrito, e que consiste no fato de como nos damos o tempo, como nos damos o espaço, como habitamos o mundo, como coexistimos com outros sujeitos. Isto posto, tem-se que, estudando essas figuras estaremos em grau de compreender a condição na qual se encontra a pessoa considerada normal ou aquela considerada patológica. Isso pelo fato de que, mesmo



aqueles que são tidos como loucos tem uma “norma” para ser no mundo, diversa das pessoas normais, contudo. Por isso, não são totalmente incompreensíveis. Se trata, porquanto, de capturar essa norma por meio do estudo das figuras, que Binswanger alcunha de transcendental. Por exemplo, nós vivemos no tempo. O tempo prevê um passado, um presente e um futuro. Podemos estender o passado a toda dimensão do tempo. Podemos viver exclusivamente no passado. Este é o caso da pessoa depressiva. Mas podemos viver exclusivamente no presente, não tendo nenhuma responsabilidade com o passado nem com o futuro. Este é o caso do maníaco. Mas podemos viver com uma grande abertura para o futuro. Este é o caso de uma pessoa normal. Logo, quem dá o tempo é a própria pessoa, não sendo, porém, um tempo cronológico, mas subjetivo.

Dessarte, a psicologia não deve se ocupar do tempo cronológico, mas do tempo vivido, que todos conhecem. Por exemplo, um aluno que vai à escola interessado com uma matéria, uma hora de escuta passa velozmente, entretanto, para outro que não gosta essa é uma hora que “não acaba nunca”. Então, se trata do tempo vivido, ou seja, a relação da pessoa com aquele tempo particular e, sobretudo com qual figura do tempo o indivíduo está particularmente ocupado ou, se quisermos, ligado. Esse tempo extrapola as métricas científicas. Na mencionada obra *Psicopatologia Geral*, Karl Jaspers executa uma guinada no método corrente da psiquiatria. Ocorre que, a psiquiatria anterior a ele é uma psiquiatria organicista, calcada nos lineamentos cartesianos, o que ocorre também com a neurociência, no sentido de individuar a doença psiquiátrica na disfunção do cérebro. Isso já havia dito



Wilhelm Griesinger em 1848, quando assevera categoricamente que todas as doenças mentais são doenças do cérebro.

Jaspers não estava de acordo com essa impostação e reforma a psiquiatria, alocando-a em outra modalidade. Para ele não é interessante, ou, se quisermos, suficiente, conhecer as causas etiológicas das doenças, mas há a inadiável necessidade de compreender os “doentes mentais”, sem prescindir do mundo cultural no qual eles estão inseridos. Jaspers desenvolve essa grande diferença entre a explicação científica da compreensão humana, operação filosófica simples, todavia, difícil de ser assimilada na prática clínica. Quando o psicopatologista aborda sobre compreensão não estava dizendo sobre algo relacionado à dimensão afetiva ou a uma noção humanista, como aludimos. Mas, diz respeito ao fato de que, quando se discorre sobre qual é a origem da esquizofrenia ou da depressão, por exemplo, é indispensável compreender o mundo do paciente. Pois, tanto o esquizofrênico quando o depressivo vive sua patologia dentro de um contexto e peculiaridade.

Na fenomenologia nos apresentamos qualidades particulares, estados particulares vistos em repouso, compreendemos estaticamente, enquanto aqui compreendemos a inquietação do psíquico, o movimento, o contexto, uma diferenciação, compreendemos geneticamente (psicopatologia compreensiva). Mas não apenas os fenômenos vivenciados subjetivamente e sim também o psíquico visto imediatamente na expressão, o funcionamento e as manifestações, as ações e o mundo das vivências dos pacientes. (JASPERS, 1979, p. 41, grifo nosso).

Cumpramos frisar que, não há uma doença psíquica que seja considerada de maneira geral como pode ser considerada uma doença orgânica. *Verbi gratia*, uma hepatite viral é



igual em todas as pessoas que carregam esse vírus, mas a esquizofrenia é diversa em cada indivíduo. Isso pelo fato de as experiências não serem iguais em todos os indivíduos. A depressão também é diferente em cada indivíduo. Com isso, é imperioso compreender o núcleo depressivo e esquizofrênico de cada um. Então, quando o médico intercepta esse núcleo, toda a manifestação psicopatológica do paciente se torna compreensível, chegando à cognominada psicopatologia compreensiva. Mas isso que dizemos acerca dos pacientes que padecem dos desconfortos psíquicos pode ser estendido às pessoas normais. Dá-se que, cada um de nós tem uma visão de mundo. Neste seguimento, alguém pode ter uma visão estética do mundo, ou uma visão lógico-matemática, ou ainda, uma visão religiosa etc. É claro que a interpretação do mundo depende do núcleo de sua cosmovisão.

Isso é muito importante, pois se vamos falar com outra pessoa, talvez um estrangeiro, não é suficiente que falemos a mesma língua dessa pessoa, mas é crucial que capitemos a simbólica, o núcleo da visão de mundo daquela pessoa, a partir do qual partem seus valores, suas interpretações, sua imagem do mundo, sua concepção da existência, as configurações do sentido de sua vida, e assim por diante. Isso é precípuo para entender o outro. Para tal propósito, é obrigatório sair da comunicação linguística normal, da comunicação habitual, e aderir ao fundo simbólico, que determina aquele tipo de visão de mundo em relação a outro tipo de visão de mundo. Quando Jaspers escreveu os dois livros, a saber, i- *Psicopatologia Geral* e ii- *Psicologia das Concepções de Mundo*, um do ponto de vista psicopatológico (compreender o núcleo do delírio), e do ponto de vista normal, que trata a segunda obra (compreender o núcleo da visão de mundo), ele se voltou para a questão da compreensão,



evidenciando o fato de que, corremos o risco de explicar qualquer coisa sem compreender ninguém. Sob essas duas bases, o pensador se dá conta que o glossário categorial da psiquiatria e da psicologia deve mudar radicalmente. Isto é, precisa ter um olhar não mais para a interioridade do homem, sobre sua parte consciente e a inconsciente. Decorre que, Jaspers escreve páginas ásperas endereçadas à psicanálise.

O olhar sobre a interioridade é uma herança fundamentalmente cristã, pois foi o cristianismo que estabeleceu que no interior do homem se desenvolve toda a vida da alma, que depois, no campo da medicina, se chamará de vida psíquica.² Mesmo S. Freud que, malgrado seja um homem ateu, pensa que na interioridade do homem se desenvolve toda a temática psíquica. Jaspers, na contramão, entende que a vida psíquica se dá na relação com o mundo. Ou seja, é o mundo que nos convoca, solicita. E a psique é construída a partir da mensagem que se recebe do mundo, dos estímulos que nos induzem a assumir certos comportamentos, da relação que temos com o mundo desde o dia que nascemos. Ela não é mensurável com métodos científicos rigorosos.

O autor [Jaspers] ressalta que, embora atendendo com menos restrições ao modelo científico naturalista, a abordagem exclusiva aos elementos sensíveis e mensuráveis exclui da psicologia e da psiquiatria exatamente o que nelas há de mais essencial: o psíquico. (RODRIGUES, 2005, p. 4).

² Em Jaspers, temos que: “[A alma] torna-se objeto através daquilo em que se mostra perceptível no mundo: nos fenômenos somáticos concomitantes, nas expressões inteligíveis, no comportamento, nas ações.” (JASPERS, 1979, p. 20).



A primeira coisa a considerar é o mundo no qual a pessoa viveu, assegura o filósofo e psiquiatra. E a segunda coisa é o percurso biográfico que a pessoa cumpriu no mundo. Dessa forma, muda o paradigma da psicologia. Não mais se assere de consciência e inconsciente, do tipo *in interiorita te homines*, mas se fala do homem, de seu corpo e do mundo, uma relação normal que se instaura, uma vez que somos no mundo. Não se trata, todavia, do corpo como a ciência de cunho cartesiano o descreve, o corpo médico, organicista, mas do corpo das experiências, das pulsões frente àquilo que o mundo convoca. A um certo ponto Jaspers se dá conta de que as categorias da psicologia e da psiquiatria não são suficientes para compreender o homem. Então, sente que se faz necessário transitar para a filosofia. Ele se pergunta: que coisa pode dizer a psicologia sobre a angústia mais do que a filosofia, que estudou a angústia a partir de Søren Kierkegaard, mas mesmo antes com a figura da dor e das paixões da alma de Descartes? O que pode dizer sobre a morte a psicologia mais do que a filosofia que já fala do exercício de morte desde Platão? O que pode dizer sobre a dor a psiquiatria mais do que a filosofia que já tratou abundantemente sobre o tema? (cf. GALIMBERTI, 2010, p. 70).

Com essas indagações Jaspers versa então, em 1933, sobre a filosofia. Esta passagem à filosofia cria uma situação interessante. A psicologia nasceu da filosofia, apesar da emancipação da psicologia quando do nascimento da psicologia científica no século XIX. Jaspers recomenda uma recomposição entre filosofia e psicologia. De tal modo, não chama a filosofia de filosofia, mas de filosofar, significando uma ação, uma atitude, um modo de ser, um modo de discutir, um modo de mudar as ideias, um modo de modificar. (cf.



JASPERS, 1973, p.89). Isso pelo fato de que ninguém possui a verdade, pois não vivemos no ser, por isso não possuímos a verdade, mas vivemos no “ser temporal”, por isso a verdade é a nossa estrada. Consequentemente, Jaspers funda aquilo que hoje alcunha-se na filosofia de hermenêutica. Para o filósofo e psiquiatra não conhecemos a realidade, mas conhecemos a leitura que fazemos da realidade. Isto é, é a nossa interpretação da realidade. E as interpretações devem continuamente regular entre elas, falando, dialogando, se confrontando. (cf. JASPERS, 1889, p. 42). Jaspers ainda tem posições rigorosas contra a fé cristã, mulçumana, ou de qualquer religião que interpreta a si mesma como verdade. Ele mostra as contradições que há entre a verdade e a fé. Para ele a verdade é alguma coisa que conhecemos, e a fé é alguma coisa que não conhecemos. Assim, não cremos que dois mais dois somam quatro, pois o sabemos, mas podemos acreditar, se somos religiosos, que Deus ressuscitou, pois não sabemos. A fé não sabe, e por isso não pode ser intolerante, e não é a verdade absoluta. (cf. JASPERS, 1958, p. 110). Aqueles que tomam a fé como verdade absoluta não são crentes, mas militantes da fé, que tem necessidade de se assegurar de um pertencimento ou de garantir uma salvação ultra-terrena, pois não tem suficiente confiança na condição humana de mortal. Jaspers aposta, doravante naquilo que alcunha de fé filosófica. Sobre a relação entre a fé religiosa e a fé filosófica, temos que:

Karl Jaspers considera a fé filosófica e a crença religiosa como duas irmãs irreconciliáveis que se combatem sem deixarem de ser irmãs. Nessa irreconciliação, apenas a fé filosófica se constitui, em seu entender, como método válido e coerente, ao nível metafísico. A religião permanece no âmbito da orientação do mundo (e, portanto, ao nível do *Dasein*) porque, à



semelhança do saber científico, mesmo quando se baseia em factos, é para os alicerçar em regras fixas que irão sustentar o conforto dos dogmas de que vive e se alimenta. Razão pela qual Jaspers pretende distanciar-se radicalmente da fé teológica cuja base é, ou a revelação, ou uma crença. (PERDIGÃO, 2001, p. 17).

No mais, essa dimensão de contraposição entre fé e verdade consente a Jaspers inaugurar aquilo que ele denomina de fé filosófica, que é dialógica, que não interpreta a si mesma como verdade, em contraposição à fé religiosa que, ao se vê como verdade, cumpre uma obra de prevaricação.

BASAGLIA E A ANTIPSIQUIATRIA: a radicalização fenomenológica

A dupla face do psiquiatra Franco Basaglia reside na sua sábia oscilação incessante entre as paixões teóricas (as referências à fenomenologia nos seus escritos são contínuas) e as experiências práticas. Basaglia, “o filósofo”, é um leitor atento de Husserl, Sartre, Minkowski, Merleau-Ponty; Basaglia, “o revolucionário”, é um psiquiatra inteiramente focado nas práticas, um ferrenho oponente das abstrações puras e das ideologias absolutistas. Portanto, é possível resumir o pensamento do intelectual italiano considerando-o um não-pensamento, isto é, um pensamento nunca concluído, nunca dado de uma vez por todas, um pensamento necessário e dialeticamente posto em prática. A sua teorização foi na prática, um embate pré-reflexivo e humano no terreno das contradições psiquiátricas e sociais. “Quando dizemos não ao asilo, dizemos não à miséria do mundo e



nos unimos com todas as pessoas do mundo que lutam por uma situação de emancipação”. (Basaglia, 2000, p. 28).

A dupla face acima mencionada condiciona-nos a olhar para o pensamento de Basaglia: só poderemos atualizá-lo e, portanto, abraçá-lo na sua complexidade se formos capazes de sustentar um olhar atento sobre a dialética que existe entre a sua prática revolucionária e a sua prática predominantemente teoria fenomenológica. Esta entonação torna-se um estilo de pensamento em Basaglia, e este estilo de pensamento torna-se um instrumento concreto para mudar a realidade. A fenomenologia, em Basaglia, funciona quando é uma fenomenologia concreta que se aplica a algo. E funciona quando, sendo um pensamento radicalmente crítico do sujeito e sobre o sujeito, se materializa numa *práxis* que nunca se doma e continuamente atravessado por tensões e contradições em todos os níveis, quais seja, psíquico, familiar, profissional, social etc.

O coração problemático do não-pensamento de Basaglia, o seu núcleo fundador é evidentemente o que com Husserl poderíamos chamar de “o enigma da subjetividade”, na sua dimensão interpessoal. A compreensão da doença mental ou pelo menos uma forma alternativa de abordagem (alternativa à psiquiatria reducionista, organicista e dependente de drogas)³ daqueles que vivenciam o sofrimento existencial passa pelo reconhecimento da dinâmica de objetivação e subjetivação típica de toda relação interpessoal. Toda relação, de

³ Basaglia enfrenta a questão sobre seu trabalho como não enrijecido pelo método científico: “É muito fácil para a psiquiatria dominante definir o nosso trabalho como desprovido de seriedade e respeitabilidade científica. O juízo não pode nos lisonjear, uma vez que nos une, finalmente, a falta de seriedade e respeitabilidade sempre atribuída aos pacientes mentais e a todos os excluídos.” (BASAGLIA, 1968, p. 9).



fato, implica uma definição do Eu através do Outro e do Outro através do Eu. Para colocar a questão com Laing, é empiricamente natural que a própria identidade de um sujeito nunca possa ser completamente abstraída do que é a sua identidade para os outros. Neste senso, Basaglia tece uma crítica contundente ao pesquisador desvencilhado do paciente:

A distância do pesquisador da própria investigação é particularmente significativa no caso da psiquiatria ... Por um lado, uma ciência comprometida com a pesquisa sobre a gênese de uma doença que reconhece 'incompreensível'; por outro, um paciente que, por sua suposta 'incompreensibilidade', foi oprimido, humilhado, destruído pela organização asilar. (BASAGLIA, 1979, p.147).

O reconhecimento, no pensamento de Basaglia, do terreno pré-reflexivo sobre o qual se constroem o Conhecimento e, portanto, também as relações de Poder, permite que sua prática se concentre na libertação do sujeito como multiplicidade contraditória. Esta teoria e esta prática de reconhecimento do excesso de consciência (Sartre) surgem do estudo da dinâmica de subjetivação (*Leib*) e objetivação (*Korper*) entre os corpos. Franco Basaglia parte, neste sentido, das reflexões de Husserl, Sartre e Merleau-Ponty sobre a questão do Corpo, entendido como princípio ordenador da experiência humana, como a mais ambígua e profunda das percepções: o corpo simultaneamente presente e ausente, objeto e sujeito faz da experiência corporal a experiência fundadora do ser humano e ao mesmo tempo a mais frágil. O corpo é um princípio ordenador que permite, evocando Sartre, distinguir o real do possível e que, portanto, permite projetar-se genuinamente no seu próprio devir. Em que relação estão os corpos do operador psi e do louco? Como essa relação afeta o Conhecimento



e os Poderes em jogo? Em que tipo de olhar e distância se sustenta a reciprocidade entre os atores do discurso psiquiátrico? (cf. BASAGLIA, 1981a, p. 107).

A abordagem de Basaglia ao louco (em sua singularidade irreduzível) é uma abordagem que passa pelo reconhecimento do papel da dinâmica dialética entre a dimensão subjetiva do corpo (*Leib*) e a objetiva (*Korper*) na estruturação de todas as experiências humanas e, portanto, também do que costumamos chamar de doença mental (como o discurso da Razão sobre a loucura). As interações entre essas duas dimensões da experiência humana estão no cerne do que anteriormente chamamos de enigma da subjetividade. O reconhecimento desta complexidade nas construções das subjetividades é a premissa teórica do não-pensamento de Basaglia. O Corpo como dimensão primária e pré-reflexiva da experiência é o núcleo em torno do qual se estrutura o sofrimento psíquico e, especificamente, aquelas experiências que Basaglia inclui nas duas grandes famílias da neurose e da psicose. Em ambos os casos há uma questão essencial que diz respeito ao corpo: o neurótico é permeado por emoções de ansiedade, vergonha e medo de que o Outro possa invadi-lo ou desvalorizá-lo na sua dimensão essencial. Na dimensão da psicose, a ansiedade e o medo deixaram de ter uma função adaptativa, pois a pessoa se rendeu ao fato de que o Outro entrou em você, invadiu você, tomou posse estável do seu corpo. Para dizer com Sartre, “a existência vem antes da essência”, e é para defender esta existência do assalto das várias essências e das várias práticas de objectivação e redução que Basaglia opta, tanto na prática como na teoria, por fazer possuir a distância certa e o silêncio produtivo.



Como essa subjetividade é construída? Certamente se constrói no mundo, no centro da trama tecida pelas diversas trajetórias de relações nas quais estamos imersos. Portanto, o enigma do Outro é claramente o fundamento desta Subjetividade. Qual o papel da alteridade nesse processo? Qual o papel da alteridade do operador psi na construção da subjetividade do doente mental? O Outro nos define, tende necessariamente a simplificar a realidade através de heurísticas ligadas a determinados papéis (no nosso caso nos referimos a expectativas sobre o que e quem deveria ser um psiquiatra, um psicólogo, um psicótico etc.). A subjetividade (não importa se é do operador ou do paciente) é construída pela aceitação da própria dimensão do Em si, ou seja, de sermos objeto para os outros e, portanto, também para nós mesmos; aceitá-lo significa estar ciente disso e estar ciente disso permite que você se distancie dele. Para fazer isso, porém, devemos, precisamente, introduzir em nossa experiência aquela alteridade que toda experiência tem dentro de si.

Louco é aquele que se leva muito a sério, aquele que não consegue construir essa distância entre si e si mesmo. Ser psicólogo, pai, filho, marido, psicótico é cobrir um papel, usar uma máscara de expectativas sociais (etimologicamente do grego *persona* refere-se ao termo máscara) e tentar corresponder a essas expectativas. (cf. BASAGLIA, 1973, p. 46). O não se levar muito a sério poderia corresponder à possibilidade que cada um de nós tem, como subjetividade irreduzível, de se distanciar adequadamente dessa alteridade que está dentro de nós e que surge inevitavelmente da teia de relações interpessoais. Para Basaglia, cultivar o *Per se* sartriano é uma forma de resistência. É muito difícil para uma pessoa diagnosticada como “esquizofrênica” ou classificada como “deficiente” escapar desse rótulo.



Neste sentido, cultivar o *Para Si* significará cultivar a irredutibilidade da própria existência, defendendo o direito a uma certa não visibilidade, a uma forma particular de opacidade existencial. (cf. BASAGLIA, 1981c, p. 85). Este estranho direito está indissociavelmente ligado à questão da distância levantada por Basaglia e, portanto, também ao mecanismo da norma do olhar: o que não chama a atenção é normal, o que confunde porque responde às expectativas da própria norma. Com isso gostaria de exemplificar o mecanismo que chamamos de *olhar-norma*: o que não atrai o olhar é normal, o que flui fluidamente sob uma superfície previsível de expectativas e comportamentos.

Como dissemos antes, cultivar o *Para Si* é uma forma de consciência e de resistência: escapar da unidimensionalidade patológica criada pelo saber/poder psiquiátrico significa ter consciência de ser sempre e necessariamente Outro do que-é-dado-para-ver, que é, no que diz respeito aos rótulos socialmente compartilhados. Quando alguém é reconhecido pela comunidade a que pertence como “esquizofrênico”, esse rótulo o torna visível, isto é, determinado em todos os aspectos por um olhar normalizador: suas atitudes, seu estar no mundo são interpretados à luz do diagnóstico-classificação. Neste sentido, Basaglia exemplifica com os rótulos criados para o louco, inclusive de que ele é perigoso:

Se o conceito básico da psiquiatria era que o louco é perigoso, assim como um mais um é igual a dois, demonstramos que o louco é perigoso, assim como qualquer outra pessoa que atue na sociedade tem a mesma chance de ser perigosa. A prática tem mudado o resultado de um mais um. Pusemos o otimismo da vontade, em vez do pessimismo da razão. (BASAGLIA, 2000, p.151).



Como é criada a distância terapêutica? Para Basaglia, fazer *epoché* significava dizer não às práticas e teorias dos hospitais psiquiátricos da época,⁴ distanciando-se delas e, portanto, questionando-as. Afastar-se do sim-nós-fazemos-isso-porque-sempre-foi-feito- assim envolve tomar consciência da dinâmica de subjetivação e objetificação mencionada acima, bem como colocar em prática uma certa atitude clínica e política com uma entonação fenomenológica: sim, trata-se de "uma espécie de prática de pausar, desacelerar, não ter pressa em responder, de compensar, de aliviar, de consolar, de curar. O silêncio diante das questões do louco e o distanciamento da complexidade irreduzível de sua subjetividade permitem a Franco Basaglia construir, concretamente e de forma dialética e coparticipativa, um terreno nu de aquisições dadas de uma vez por todas e, portanto, fértil e acolhedor para a criação de teorias e instituições que são ciclicamente inventadas, destruídas e inventadas novamente.

Para Basaglia, uma comunidade é verdadeiramente terapêutica quando estas dinâmicas muito humanas de confirmação mútua e, portanto, de dialetização entre *Leib* e *Korper* são discutidas e negociadas de forma a tornar possível reconhecer as pessoas como sujeitos do discurso e, portanto, criar um terreno de encontros pré-reflexivos entre eles. Nesta delicada dimensão (que é essencialmente a dimensão do desejo de cada homem de ser

⁴ O psiquiatra italiano asseriu, neste certame o que segue: "O primeiro contacto com a realidade do asilo tem imediatamente realçado as forças em jogo: o internado, em vez de aparecer como um homem doente, é objeto de uma violência institucional que atua em todos os níveis ... O nível de degradação, objetivação, aniquilação total, que se observa, não é a pura expressão de um estado de morbilidade, mas sim o produto de uma ação destrutiva de uma instituição cujo objetivo era a proteção das pessoas saudáveis contra a loucura." (BASAGLIA, 1981b, p. 128).



confirmado por outros homens pelo que é e pelo que pode tornar-se) a ferramenta fenomenológica da *epoché* é decisiva: fazer *epoché* significa continuamente, sem parar, pergunte-se se as teorias e práticas que acreditamos não poder ignorar são realmente necessárias. A leitura do filósofo Basaglia permite-nos perguntar se as situações são situações necessárias, incontestáveis, ou se são situações historicamente adquiridas. A psiquiatria tende a fazer de um fato histórico um fato natural e de meios naturais necessários. Quando os fatos da psiquiatria são apresentados como naturais, significa que não podem ser modificados, ou em todo caso que são fatos que passam pela ciência, que tende a ser vista como uma ciência exata. A revolução Basaglia é, portanto, uma revolução que passa pelo reconhecimento desta complexidade intersubjetiva.⁵

Se, portanto, a subjetividade humana é o enigma central de toda ciência, o estudo das relações do ego com seu próprio corpo, do corpo como seu próprio corpo com os corpos dos outros, será o centro de toda investigação psiquiátrica porque o “corpo” – na sua ambígua bipolaridade sujeito-objeto – desempenha um papel central no determinismo das modificações estruturais testemunhadas na patologia mental. (BASAGLIA, 2000, p. 104).

O reconhecimento da importância da dinâmica de subjetivação e objetivação em contextos institucionais, não apenas no mundo psiquiátrico, passa, portanto, da

⁵ Tem-se que, para Basaglia era imprescindível o contato do paciente com o mundo, com a liberdade: “O psiquiatra parece descobrir só agora que o primeiro passo para a cura do paciente é o retorno à liberdade de que ele próprio, até agora, o tinha privado.” (Basaglia, 1968, p.130).



centralidade do grau zero (diria Bion) da experiência humana: isto é, da experiência pré-reflexiva do próprio corpo e do corpo de outras pessoas no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, poder-se-ia dizer que, com o método compreensivo, Karl Jaspers não aludia a uma palavra humanística, que diz respeito ao cuidado pelo outro, na qual se ama o outro etc., mas concerne capturar o núcleo do delírio da pessoa; quando o faz se compreende toda sua manifestação. E, assim, tudo se torna compreensível. Este é o conceito de fundo da *Psicopatologia Geral* de Jaspers, que extrapola a área da psiquiatria, porém. O filósofo e psiquiatra diz que a coisa fundamental quando se fala com o outro consiste em entender a que mundo psicológico ele pertence, *exempli gratia*, religioso, estético, metafísico etc. Pois, somente assim, o que o outro diz se torna compreensível. Para entender o outro não é suficiente falar o mesmo idioma, mas entender a dimensão simbólica com a qual a pessoa está radicada. Logo, urge compreender o mundo de onde cada um fala. Com isso, Jaspers transforma a Psiquiatria organicista em existencial. Como expressou o italiano Franco Basaglia, poder-se-ia epilogar a obra de Jaspers em uma mudança radical de paradigma no modo de enfrentar a psique.

Essa dimensão fenomenológica tem sua expressão na Europa, por exemplo, na Alemanha com Binswanger, na França com Sartre e Foucault e na Itália com Basaglia com sua antipsiquiatria. Este último tem a expressão mais radical da psiquiatria fenomenológica,



com críticas viscerais endereçadas ao enclausuramento no manicômio, no qual se tira o mundo do paciente. A revolução de Basaglia nasceu da vontade de resistir ao reducionismo, o que implica a necessidade de enfrentar, num terreno pré-reflexivo e, portanto, livre de qualquer dado já estabelecido, os excessos de consciência, as multiplicidades contraditórias de pessoas que, apesar do inegável sofrimento mental, devem poder ser reconhecidos, dentro das teorias e práticas de saúde mental, não como objetos, mas como sujeitos de discurso.

REFERÊNCIAS

BASAGLIA, Franco. A PSIQUIATRIA ALTERNATIVA: contra o pessimismo da razão, o otimismo da prática. São Paulo: Brasil Debates, 1979.

_____. Che cos'è la psichiatria? Torino. Einaudi, 1973.

_____. Conferenze brasiliane. Org. Franca Basaglia Ongaro; Maria Grazia Giannichedda. Milano. Raffaello Cortina, 2000.

_____. **CORPO, SGUARDO E SILENZIO:** l'enigma della soggettività in psichiatria. In: _____. Scritti I, 1953-1968. Torino. Einaudi. p. 294-308, 1981a.



_____. Il mondo dell'incomprensibile schizofrenico attraverso la Daseinsanalyse. In: _____. Scritti I, 1953-1968. Torino. Einaudi. p.3-31, 1981b.

_____. **L'ISTITUZIONE NEGATA:** rapporto da un ospedale psichiatrico. Torino. Einaudi, 1968.

_____. Scritti, **VOL. 1: 1953-1968:** Dalla psichiatria fenomenologica all'esperienza di Gorizia, Einaudi, Turin, 1981c.

GALIMBERTI, H. Dicionário de Psicologia. 1ª ed. São Paulo. Loyola, 2010.

JASPERS, K. A abordagem fenomenológica em psicopatologia. Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., VIII, 4, 769-787, 2005. (Original publicado em 1912).

_____. **FILOSOFIA DA EXISTÊNCIA:** conferências pronunciadas na Academia Alemã de Frankfurt. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1973.

_____. Introdução ao pensamento filosófico. São Paulo, SP. Cultrix, 1989.

_____. Psicopatologia Geral. Vols. 1 e 2, Rio de Janeiro. Atheneu, 1979.

_____. Razão e anti-razão em nosso tempo. Rio de Janeiro, RJ. ISEB, 1958.



PERDIGÃO, A. C. A filosofia existencial de Karl Jaspers. Revista Análise Psicológica, 4 (XIX), 2001, p. 539-557.

RODRIGUES, A. C. T. Karl Jaspers e a abordagem fenomenológica em psicopatologia. Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., VIII, 4, p. 754-768, 2005.